

A capoeira na perspectiva intercultural: questões para a atuação e formação de educadores(as)

Márcio Penna Corte Real¹

1 . Iê, dá volta ao mundo, camará

Gostaria inicialmente de agradecer ao convite para estar aqui esta tarde falando sobre capoeira. O convite é muito especial para mim. Talvez, mais do que ter coisas a falar, eu tenha muito a apreender sobre capoeira, principalmente com os Mestres, Professores, demais capoeiras e com o público presente. Tenho a pretensão de levantar algumas questões sobre a capoeira, com as quais possamos dialogar, tentando contribuir com nosso papoeira.

Agradeço, então, ao Prof. Kblera e a UNIFEBE pelo convite. Também gostaria de aproveitar a oportunidade para de público citar meus companheiros e companheiras da Cooperativa Catarinense de Capoeira com quem tenho aprendido muito, especialmente: os Mestres Kadu, Pop, Falcão e Calunga; e os Professores Bode, Kblera, Salmir e Jymmiwall, seus grupos e alunos.

Pensei em fazer uma fala que tivesse como preocupação de fundo a atuação e talvez a própria formação dos *educadores de capoeira* – devo esse termo ao Mestre Kadu, que sempre insiste na importância do seu uso no sentido de chamar atenção para a responsabilidade daqueles(as) que ensinam capoeira.

No sentido de problematizar a questão, falarei sobre a idéia de que a capoeira pode ser entendida como uma prática cultural no sentido mais dinâmico possível do termo. A partir daí, tentarei argumentar que a intercultura é uma forma de explicar o potencial educativo da capoeira, relatando algumas experiências que, penso eu, podem enriquecer nosso diálogo. Concluirei fazendo o resumo de algumas questões sobre a atuação/formação dos educadores de capoeira.

2. Eu quero pedir licença para o senhor dono da roda: a capoeira como prática cultural

¹ Licenciado em Educação Artística habilitação em Música; e Mestre em Educação pela UFSM. Acadêmico do Curso de Doutorado em Educação PPGE/CED/UFSC, linha Ensino e Formação de Educadores; Bolsista do CNPq. Professor Adjunto do Departamento de Artes da UCS.

Se nos perguntássemos como podemos definir a capoeira a possibilidade de respostas seria bastante variada e ampla. Alguns entre nós diriam: capoeira é uma luta; outros diriam capoeira é um esporte; outros, ainda, poderiam dizer capoeira é lazer, é festa, é vadiação, é brincadeira, é uma atividade educativa de caráter informal.

Talvez, aqueles e aquelas mais inconformados, como eu, com as classificações simplistas e reducionistas rejeitariam todos esses termos e diriam que a capoeira é tudo isso.

Poderíamos, então, pensar uma forma de expressar ou compreender toda a vivacidade da capoeira. É nesse sentido que penso que compreender a capoeira como sendo uma prática cultural representa um ganho ou mesmo um salto qualitativo para além das visões essencialistas, que, por vezes, apelam para um mito de origem reivindicando a pureza ou a tradição de um certo antigamente da capoeira.

Com isso quero chamar atenção para o entendimento de que as práticas culturais, como a capoeira, não estão paradas no tempo e, por isso mesmo, a transformação constante é algo inevitável. Certamente, as necessidades e os problemas dos(as) capoeiras de outrora não os mesmos de hoje. A cada dia se joga uma capoeira diferente. A capoeira de hoje é diferente da ontem e da de amanhã – esse exemplo de constante transformação demonstra suficientemente bem que a cultura está em permanente mudança.

Assim, práticas culturais são aquelas atividades que movem um grupo ou comunidade numa determinada direção, previamente definida sob um ponto de vista estético, ideológico, etc. (COELHO, 1999, p.314).

O que importa é dizer que seja qual for a forma de entendermos a capoeira, seja como luta, esporte, dança ou de outra maneira aqui não pensada, um ponto fundamental pode estar na relação dessas idéias com a prática da capoeira.

O que quero questionar é o seguinte: quais conseqüências uma capoeira compreendida como esporte, como luta pode ter para seu ensino? Ou quais conseqüências a capoeira entendida como cultura, como vadiação pode ter para o seu ensino e para sua prática? Ou melhor, quais dessas opções queremos?

3. Rodas em que todos e todas jogam: a dimensão intercultural da capoeira

A busca por essa defesa da idéia da capoeira enquanto prática cultural tem a ver com um pensamento que procura chamar atenção para a necessidade de dialogarmos com as diferenças. Nesse sentido, até poderíamos falar da existência não de uma capoeira, mas de capoeiras: capoeiras danças; capoeiras lutas; capoeiras esportes; capoeiras culturas; capoeiras angolanas, regionais, contemporâneas e assim por diante.

É no sentido do diálogo com a diferença e do reconhecimento da diversidade presente na capoeira que talvez seja oportuna a noção de interculturalidade.

A educação Intercultural é uma forma de educação que: “requer que se trate nas instituições educativas os grupos populares não como cidadãos de segunda categoria, **mas que se reconheça seu papel ativo** na elaboração, escolha e atuação das estratégias educativas” (FLEURI, 2000, p.4, grifos meus). A mesma visa a promover processos integradores que conciliem os direitos de igualdade dos cidadãos e os direitos de diferenças das culturas (FLEURI, 1998, p.13-4). Será que uma roda de capoeira não é um bom exemplo de processo integrador, no qual todos são iguais no direito à participação, como no direito à diferença de ter seu jeito próprio de vadiar?

Ultimamente tenho participado e visto algumas experiências no contexto da capoeira que mostram a possibilidade da construção de projetos coletivos baseados na participação solidária próxima a essa visão da educação intercultural. Essas experiências têm sido caracterizadas por alguns pontos como: troca de saberes entre universidade/capoeira; a importância do coletivo e da colaboração para alcançar objetivos comuns; e o destaque do papel fundamental da música e sua dimensão educativa na capoeira. Tentarei comentar essas idéias relatando brevemente algumas experiências.

Quando morava no Rio Grande do Sul, comecei a praticar capoeira, no espaço da Universidade Federal de Santa Maria, em aulas ministradas gratuitamente por dois acadêmicos do curso de Educação Física, conhecidos na capoeira como Preto e Batata. Nesse grupo, estava constantemente envolvido em apresentações de capoeira em escolas, campanhas de arrecadação de agasalhos, de esclarecimento sobre *aids* e outras doenças e em momentos de luta, como nas semanas de consciência negra.

Esse trânsito na capoeira, me levou a questionar, cada vez mais: qual o potencial de sistematização de práticas educativas com e na capoeira?

Depois, quando fiz Educação Artística habilitação em música nessa universidade, tive a oportunidade de integrar um grupo de educadores em música. Nesse grupo, além de realizarmos cursos de curta duração para professores(as) da rede escolar

estadual de Santa Maria, tematizando a dimensão educativa da capoeira, fizemos uma série de apresentações musicais com a participação de dois capoeiras amigos meus, o Panthera e o Alfinete, na época, instrutores de capoeira que participavam de nossas apresentações tocando berimbau. Assim, a partir dessa relação entre acadêmicos e capoeiras, se deu uma importante troca de saberes entre universidade/capoeira.

Com isso, queria colocar a questão sobre qual poderia ser a contribuição da relação da universidade – especialmente de pesquisadores concreta e politicamente envolvidos – com a capoeira? Ou mais, qual a contribuição de momentos como este que estamos vivendo hoje aqui? Qual a importância da capoeira estar dentro do espaço acadêmico?

Ainda durante essa fase, foi dado um forte destaque ao caráter de protesto e contestação social presente nas músicas da capoeira; observando a idéia de que “as músicas são sempre improvisadas e, em geral, **falam do negro na senzala, do negro livre, da religião, da comunidade, seus hábitos, seus feitos, etc.** algumas vezes são **cantos de louvor, tristeza, revolta, desafio** (CAPOEIRA: A ARTE MARCIAL DO BRASIL, 1983, p.8, grifos nossos).

É válido notar o potencial de mobilidade, de crítica e contestação social presente na capoeira, especialmente nas temáticas de suas músicas. Tais músicas organizam uma série de práticas educativas informais na capoeira ao ditarem normas da dinâmica do jogo; e ao assumirem a narrativa das lutas da cultura popular, especialmente negra.

Dessa fase, ao menos dois questionamentos mais evidentes ficaram em aberto, que gostaria de compartilhar: diante do fato da capoeira, hoje, ser reivindicada como um patrimônio da cultura brasileira (MUKUNA, c.a., 1980), podemos dizer que essa prática cultural ainda potencializa uma dimensão crítica de protesto e contestação social?

Mais do que isso gostaria de problematizar: qual é ou qual tem sido o papel da música na atuação dos educadores de capoeira? A música é um saber que está ao alcance de todos e todas na capoeira? As temáticas tratadas nas músicas têm favorecido ideais comunitários?

Outra experiência vivida recentemente foi quando ministrei uma disciplina em um curso de especialização na Faculdade da Serra Gaúcha para licenciados em Educação Física. Em um determinado momento, coloquei para os estudantes, como desafio, a seguinte questão: é possível em um grupo misto como o nosso formarmos uma roda de capoeira?

Depois de discutirmos e deles terem dito que seria necessário que todos se envolvessem, realizamos, após o estudo de alguns movimentos, aquilo que para nós foi uma roda de capoeira. Chegamos à conclusão de que o fundamental é a colaboração. Ou seja, sem a participação de cada um o coletivo, no caso a roda de capoeira, não acontece. Sei que isso não é novidade para a maioria de vocês. Mas é oportuno saber que no contexto da capoeira as pessoas podem ser valorizadas por aquilo que cada um é, seja batendo palmas, cantando no coro ou jogando na roda. Ou seja, existe a possibilidade de lutarmos por objetivos comuns, como por exemplo, realizarmos uma roda de capoeira.

Assim, a organização de uma roda de capoeira, quando feita de forma comunitária, condizente com os problemas vividos e as identidades locais, vislumbra a idéia de sujeito coletivo, proposta por SADER (1988). Ou seja, é preciso recuperar a idéia de sujeito coletivo, como uma coletividade na qual se elabora uma identidade e se organizam práticas em que seus membros pretendem defender seus interesses e expressar suas vontades, constituindo-se nessas lutas (SADER, 1988, p.11).

Entendo que a capoeira desenvolve visões de mundo, que têm a ver com a malícia, com a ginga, mas também com a humildade do capoeira; que lhe permite uma forma de enfrentamento dos problemas vividos.

É nesse sentido que gostaria de falar aqui da Cooperativa Catarinense de Capoeira, como uma experiência de construção coletiva e de luta por objetivos comuns. A cooperativa Catarinense de Capoeira pretende desenvolver projetos culturais, educativos e estudos entre os(as) capoeiras. Poderá ser dito que isso já feito pelos grupos de capoeira e esse é justamente o ponto. A Cooperativa de Capoeira pretende unir os(as) capoeiras, que independente disso podem e devem continuar o trabalho nos seus grupos. Porém, na Cooperativa estarão unidos em torno da capoeira e da idéia de que todos(as) têm sua parcela de contribuição na luta pela valorização da capoeira nas suas diferentes dimensões e perspectivas. Este trabalho de hoje, aliás, é o exemplo de uma ação cooperativa.

Um outro questionamento seria sobre a atuação daqueles que são responsáveis por aquilo que considero um conjunto de práticas educativas informais; ou seja, aqueles que chamamos de professores e professoras ou para lembrar educadores de capoeira. Como esses educadores desenvolvem informalmente seus processos de formação? Como desenvolvem estratégias de organização educativa, por exemplo, mediadas pela

música? Qual são as suas visões e opiniões sobre as atuais discussões sobre a regulamentação dos profissionais de capoeira?

4. Adeus, adeus: questões sobre a atuação e formação dos(as) educadores(as) de capoeira

Para concluir gostaria apenas de fazer um balanço das idéias e questões levantadas. Penso que seja válida a visão da capoeira como sendo dinâmica, inserida no processo histórico e em constante transformação. Portanto, como uma prática cultural, que engloba os aspectos de arte, luta, dança, esporte, educação, resistência entre outros.

Lembrar também da possibilidade de compreender a capoeira na perspectiva intercultural da educação, significa reconhecer a riqueza dessa prática cultural em suas múltiplas formas. Por isso mesmo, a perspectiva intercultural chama atenção para necessidade de reconhecimento das diferentes formas de manifestação da capoeira.

Necessidade também de reconhecer a individualidade de cada pessoa e sua contribuição, seja para realização de uma roda de capoeira, seja na luta por seu reconhecimento. Mas sobretudo, a idéia de intercultural chama atenção para necessidade de lidarmos com todos os tipos de conflitos presentes numa prática cultural como a capoeira que mostram que a capoeira é, de fato, uma luta, assim como a cultura é um campo de lutas sociais.

Termino, então, com as questões:

- Quais conseqüências de compreender a capoeira como prática cultural em transformação que engloba esporte, luta, arte, resistência, educação entre outros aspectos? Quais opções dessas queremos?
- Até que ponto a roda ou a capoeira como um todo é um exemplo de educação intercultural? Ou seja, a capoeira pode ser um espaço de participação de pessoas diferentes unidas por objetivos comuns?
- Qual pode ser a contribuição da relação da universidade com a capoeira? Acadêmicos e capoeiras podem ter algo a aprender juntos?
- Qual tem sido o papel da música na atuação e formação dos educadores de capoeira?

Se alguma de todas essas palavras que disse conseguiu mexer um pouco com os pensamentos de vocês, assim como o capoeira se mexe quando o berimbau chora, terei cumprido o meu propósito em estar nesta roda.

Segue o jogo.

Obrigado e axé para todos e todas,

M.P CORTE REAL

Brusque, 03 de abril de 2004.

Título: *A capoeira na perspectiva intercultural: questões para a atuação e formação de educadores(as)*

Márcio Penna Corte Real

Ementa:

O entendimento da capoeira enquanto prática cultural. A dimensão intercultural da capoeira. Questões sobre a atuação e formação dos(as) educadores(as) de capoeira.

Resumo:

Busca-se a compreensão da capoeira enquanto uma prática cultural dinâmica e transformadora. Explicita-se a dimensão educativa da capoeira na perspectiva intercultural; e relatam-se experiências – no contexto universitário e da Cooperativa Catarinense de Capoeira – como subsídios para reflexão de questões sobre a atuação e formação de educadores(as) de capoeira.

Metodologia:

Exposição dialogada visando à definição dos conceitos de prática cultural, educação intercultural e à problematização de questões sobre a atuação e formação de educadores(as) de capoeira.

Referências bibliográficas:

ASSUNÇÃO, M.R. & VIEIRA, L.R. *Mitos e controvérsias na história da capoeira*. In: **Estudos Afro-Asiáticos**, n.º 34, Rio de Janeiro: Publicação do Centro de Estudos Afro-Asiáticos – CEAA, Universidade de Cândido Mendes, 1988.

CAPOEIRA, N. **Capoeira: pequeno manual do jogador**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

Capoeira: A Arte Marcial do Brasil. Rio de Janeiro: Grupo de comunicação Três, 1983.

COELHO, T. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1999.

CORTE REAL, M.P. **Círculos de cultura na investigação temática de músicas negras**. PPGE/CE/UFSC, Dissertação de Mestrado, 2001.

_____. **A capoeira pode ter seu espaço na escola?** Texto apresentado no evento **O negro e o currículo escolar**. Santa Maria: 8º Delegacia de Educação, 1999.

_____. **Intercultura e dialogicidade: investigando estratégias educativas e práticas de resistência cultural na capoeira**. Florianópolis: PPGE/CED/UFSC, Projeto de Tese, 2002.

_____. *Carnaval e capoeira: práticas de resistência cultural ou lazer espetacularizado no país do futebol*. In: Marcon (Org.) **Dossiê Educação Intercultural**. Chapecó: UnoChapecó, 2004, noprolo.

FLEURI, R.M. (Org.) **Intercultura e movimentos sociais**. Florianópolis: MOVER/NUP, 1998.

_____. **Desafios a educação intercultural no Brasil**. Porto Alegre: anais em Cdrom do III Seminário Pesquisa em Educação Região Sul/ANPEd, Fórum Sul de Coordenadores de Pós-Graduação, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

MUKUNA, K. **Contribuição Bantu na Música Popular Brasileira**. São Paulo: Global, [ca. 1980].

PÉREZ GÓMEZ, A. I. A função e formação do professor/a no ensino para a compreensão: diferentes perspectivas. In: GIMENO SACRISTÁN, J. & PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: ARTE MÉDICAS, 1998.

REIS, L. V. S. A roda de capoeira: o 'mundo de pernas ar'. In: **Negros e brancos no jogo de capoeira: a reinvenção da tradição**. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de São Paulo, 1993, p. 125- 139.

SADER, E. **Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo (1970-80)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988.

SHELING, V. **A presença do povo na cultura brasileira: ensaio sobre o pensamento de Mário de Andrade e Paulo Freire**. Campinas: UNICAMP, 1990.

SWANWICK, K. **Música, pensamiento y educación**. Madri: Ediciones Morata S.A, 1991.